

Itamar Silva

Dizer que é um prazer enorme estar aqui te entrevistando.

Itamar Silva

Dizer também que, ao mesmo tempo...não sei se chamar isso de uma entrevista, mas estar conversando com você, ter essa oportunidade, porque é sempre muito emocionante olhar para você e quem que eu estou vendo.

Itamar Silva

Estou vendo uma mulher com uma força impressionante, estou vendo uma mulher com uma trajetória invejável, invejável no sentido mais pleno dessa palavra, de desejar o melhor para você e ver um pouco como é que você se construiu uma figura pública do seu tamanho.

Itamar Silva

É nesse sentido que eu gostaria de falar.

Itamar Silva

Quem é Mônica Francisco hoje? Quem é Mônica Francisco nessa conjuntura tão adversa que a gente vive, mas, ao mesmo tempo, tão pulsante, tão instigadora? Se apresenta para a gente, por favor.

Mônica Francisco

É alguém que hoje tem muita consciência do que é ser uma mulher negra, que veio da favela, que começa a trabalhar com 14 anos sem entender muito.

Mônica Francisco

Hoje eu olho e falo, caramba, eu era uma criança, era um trabalho infantil. Altamente perigoso o que eu fazia.

Mônica Francisco

Eu comecei a trabalhar numa fábrica de tecidos na Grande Tijuca, que era um grande polo industrial, fabril, mas que vinha de uma família onde, para você ter dignidade, você tinha que estar trabalhando e ter carteira de trabalho.

Mônica Francisco

Com 14 anos, eu tirei a minha carteira de trabalho, porque se tirava a partir dos 14.

Mônica Francisco

Então eu tava louca pra fazer 14 anos pra tirar a carteira de trabalho.

Mônica Francisco

Então Mônica é essa pessoa, essa mulher que tá sempre tentando, tentando melhorar.

Mônica Francisco

Lá com 14 anos, eu tava tentando melhorar a condição de vida da minha mãe.

Mônica Francisco

Porque eu ficava muito incomodada assim, né?

Mônica Francisco

De ver o quanto ela...

Mônica Francisco

Primeiro porque eu tinha vergonha, morria de vergonha de carregar trouxa de roupa.

Mônica Francisco

Estava tentando melhorar a minha vida também, né?

Mônica Francisco

Deixar de carregar trouxa de roupa.

Mônica Francisco

Então, Mônica é uma mulher que vai buscar melhorar através da educação, através do trabalho, muito nessa esteira da família, de que para ter dignidade.

Mônica Francisco

Desde ver os meus tios, eu fui criada pela minha avó paterna, não conhecia a minha mãe biológica, né?

Mônica Francisco

É...e...

Mônica Francisco

Eu via os meus tios, né?

Mônica Francisco

Então a carteira de trabalho era a garantia de não ser preso, era a garantia de depois de levar a dura ser liberado, era a garantia de mudar de vida, de deixar descarregar a trouxa de roupa, de tirar minha mãe dentro do rio.

Mônica Francisco

Porque ela sentia muitas dores.

Mônica Francisco

Depois, dar uma vida melhor para os meus filhos, morar melhor, consertar minha casa.

Mônica Francisco

Então, eu sou uma mulher que está sempre tentando, sempre tentando, muito pelo viés do trabalho.

Mônica Francisco

Sempre trabalhando, sempre fazendo, mas que também não consegue pensar só no meu núcleo, na minha família.

Mônica Francisco

Então é trabalhar para todo mundo, ainda que todo mundo não reconheça isso.

Itamar Silva

Mônica, eu olho para você e os anos que a gente se conhece, você tem uma força que é muito positiva.

Itamar Silva

Você está contando um pouco desse tempo, do trabalho precoce, que naquele momento não era precoce, porque os pobres começavam a trabalhar muito cedo e tinha essa pressão, a dignidade estava ligada à carteira de trabalho, à questão de estar empregado, mas você sempre me transpareceu muita alegria e muita positividade.

Itamar Silva

Essa força, quer dizer, vinha de onde?

Itamar Silva

Porque você, certamente, enfrenta essa situação e caminha em uma direção de construir um novo patamar para a tua vida.

Itamar Silva

De onde é que vinha essa positividade, essa energia?

Mônica Francisco

A minha personalidade sempre foi muito leve, assim, né?

Mônica Francisco

Eu lembro de comer arroz puro com “Ki-suco” rindo, assim, feliz.

Mônica Francisco

Não feliz pelas dificuldades, mas eu nunca fui uma pessoa triste, amarga.

Mônica Francisco

Não sei...

Mônica Francisco
E, olha, minha mãe era...

Mônica Francisco
Minha avó que me criou era uma mulher muito dura, né?

Mônica Francisco
Ela sofreu muito.

Mônica Francisco
Então, não era uma pessoa que vivia rindo...

Mônica Francisco
Eu sou uma pessoa que abraça!

Mônica Francisco
Chego...

Mônica Francisco
E não era assim.

Mônica Francisco
Mas a minha casa era uma casa também de porta aberta, né?

Mônica Francisco
Era uma casa onde meus tios faziam festa americana todo sábado, juntava todo mundo.

Mônica Francisco
Então tinha alegria, era uma casa que tinha música.

Mônica Francisco
Eu acordava de manhã com a minha mãe fazendo as coisas e eu tenho a memória da música do rádio.

Mônica Francisco
Todas aquelas rádios que as famílias ouviam, né?

Mônica Francisco
As rádios AM.

Mônica Francisco
Então, era desde os programas mais engraçados que existem até hoje.

Mônica Francisco

Eu não sei se a gente fala, mas pode falar, né?

Mônica Francisco

Então, minha mãe ouvia Rádio Globo, Rádio Tupi, aí eu ouvia todas aquelas músicas.

Mônica Francisco

Então, ouvia, sei lá, desde Luiz Ayrão, Cauby Peixoto, até...

Mônica Francisco

Então, era uma casa muito musical.

Mônica Francisco

Meus tios faziam as festas.

Mônica Francisco

Aí era todo mundo lá em casa.

Mônica Francisco

Minha mãe fazia...

Mônica Francisco

Minha mãe, com toda a dureza, sempre gostou, assim..

Mônica Francisco

Final de ano, mesa cheia.

Mônica Francisco

Então, era galinha assada, Era aquela coisa nordestina também, que a minha família, parte dela é oriunda de Aracaju, de Sergipe, né, de Aracaju.

Mônica Francisco

Então, era o vatapá que eu faço até hoje também.

Mônica Francisco

Então, era a porta aberta, sexta-feira santa, vatapá.

Mônica Francisco

Pessoal até brinca, nossa, a pastora é meio macumbeira, porque esse negócio de vatapá, carajé, não sei mais o quê.

Mônica Francisco

Mas, então, eu acho que a alegria vem disso também.

Mônica Francisco

E vem, acho que de um tempo que a gente brincava, né?

Mônica Francisco

Brincava até na dureza, assim.

Mônica Francisco

Eu lembro que, mesmo adolescente, carregando água, porque tinha que encher a caixa d'água, né, pra minha mãe lavar roupa.

Mônica Francisco

Então a gente brincava de quem enchia primeiro, chegava primeiro em casa.

Mônica Francisco

que chegava no tempo, juntava com as outras amigas, outros amigos que iam carregar água, quem chegava primeiro no ponto que a gente marcava, derrubava a água na caixa d'água para ir correndo.

Mônica Francisco

Então, brincar até na dureza.

Mônica Francisco

Então, eu acho que vem daí.

Mônica Francisco

E vem também...

Mônica Francisco

E isso foi evoluindo, porque quando eu tive os meus filhos, os momentos mais duros, eu sempre brincava.

Itamar Silva

Se me permite, antes de você falar dos seus filhos, como é que você fazia para, por exemplo, você começou a trabalhar muito cedo, mas você também tinha que estudar.

Itamar Silva

E eu acho que essa tua busca também, um pouco, de se colocar no mundo e ocupar os espaços, tem a ver também com o que você acumulou.

Itamar Silva

Como é que você fazia esse momento para estudar e dar sequência, certamente, aos sonhos, aos desejos que você tinha já naquele momento?

Mônica Francisco

Eu estudava à noite, na Escola Soares Pereira, depois fui para o Barão de Itacuruçá, onde fiz o meu primário no horário regular.

Mônica Francisco

Trabalhei em três fábricas.

Mônica Francisco

Nesse período, trabalhei na Irmak, que era uma fábrica de tecido.

Mônica Francisco

Depois trabalhei na Faet, na Barão de Petrópolis.

Mônica Francisco

E depois numa fábrica de pratas em Irajá, que não lembro muito bem o nome.

Itamar Silva

É tão interessante. Nos dias de hoje, a gente fala de uma operária no Rio de Janeiro, porque parece que é tão distante desse mundo das fábricas, e que o Rio de Janeiro foi um lugar onde, na Zona Norte e Zona Sul tinham várias fábricas.

Itamar Silva

Então, você traz essa memória, um pouco de um Rio operário, e essa experiência que é bacana.

Itamar Silva

Agora, você casou cedo, Mônica?

Mônica Francisco

Eu vivi primeiro um período junto com meu marido, meu atual marido, e a gente casou oficialmente no civil em 98.

Itamar Silva

Você tinha que idade?

Mônica Francisco

28 anos.

Itamar Silva

Mas isso não é...uma marca, ao menos nas favelas, essa idade. Tem gente que já é avó nessa idade, com 28 anos.

Itamar Silva

Explica um pouquinho isso. Por que você demorou tanto a tomar essa decisão de constituir essa família?

Mônica Francisco

Ah, isso é uma novela, vai virar novela, né?

Mônica Francisco

Então...

Mônica Francisco

Não, eu fui mãe muito cedo, né?

Mônica Francisco

Eu fui mãe com...

Mônica Francisco

Fiquei grávida aos 16, mas meu filho nasce já eu com 17 anos.

Mônica Francisco

Então, eu fui mãe oficialmente aos 17 anos.

Mônica Francisco

Aquela coisa, mãe adolescente, meu marido um pouco mais velho, mais adolescente e tal.

Mônica Francisco

A gente separou, ficamos separados durante cinco anos, mais ou menos, cinco anos.

Mônica Francisco

Eu toquei minha vida e tal, criando meu filho, fui mãe solteira um tempo.

Mônica Francisco

E é muito engraçado porque...

Mônica Francisco

Eu tô botando a mão no microfone.

Mônica Francisco

É muito engraçado porque nesse período eu já era uma pessoa evangélica.

Mônica Francisco

Eu me converti em 88. Meu filho nasce em 87.

Mônica Francisco
E aí eu lembro que...

Mônica Francisco
Eu tinha um líder na igreja que ele todas as vezes fazia reunião, né?

Mônica Francisco
Eu fui líder de jovens.

Mônica Francisco
E ele era o nosso grande líder, assim, lá, né?

Mônica Francisco
Já um senhor, né?

Mônica Francisco
E toda vez que ele começava a reunião, ele falava.

Mônica Francisco
E aí ele ia fazer a oração, ele falava: "Senhor, abençoa essas mães solteiras!"

Mônica Francisco
E eu era a única mãe solteira...do grupo ali, né? Jovem, mas...

Mônica Francisco
Ai, ai, ai.

Mônica Francisco
Então...

Mônica Francisco
E aí a gente volta depois, eu saio do Borel um tempo, vou morar ali na Central, próximo à Providência.

Mônica Francisco
E em 93...92, final de 92.

Mônica Francisco
Nós voltamos, eu e meu esposo, a gente volta a retomar a nossa relação.

Mônica Francisco
Foi bem difícil porque eu já estava sozinha há um tempo, então sempre fui muito independente.

Mônica Francisco

Lembro que, isso é engraçado até, quando fui morar na Ebroino Uruguai, que é...

Mônica Francisco

Bom, para quem não sabe, a Ebroino Uruguai é ali atrás daquela garagem na Central, onde ficavam os ônibus ali.

Mônica Francisco

E a Ebroino Uruguai é uma rua que termina numa escadaria, eu morava no final dessa escadaria, numa vila, próximo ao conjunto, tem um conjunto habitacional ali que era dos funcionários da marinha, tem nome de Estados do Brasil, e as minhas irmãs, por parte de pai, moravam ali, a falecida esposa do meu pai morava ali num desses prédios ali..."desse conjunto habitacional dos funcionários da Marinha, pai da ex-esposa do meu pai.

Mônica Francisco

Estou falando da ex-esposa do meu pai porque a minha mãe foi "a outra", e ela não sabia que ele era casado, ele ficou noivo da minha mãe biológica.

Mônica Francisco

Isso é uma novela.

Mônica Francisco

Então, eu morei um tempo lá sozinha, quer dizer, eu tinha a minha vida.

Mônica Francisco

Então, retomar um relacionamento, viver junto, de fato, foi bem difícil.

Mônica Francisco

Então, a gente, de 92, finalzinho de 92, 93, a gente retoma, eu volto para o Borel, e aí, em 98, a gente casa, oficialmente.

Mônica Francisco

Porque eu também era um pouco avessa a casamento, oficialmente.

Itamar Silva

Meio rebelde, né? Desde cedo.

Mônica Francisco

Não sei se rebeldia, mas eu achava o seguinte, que o papel não era tudo.

Mônica Francisco

mas eu já era uma pessoa ligada à igreja, tinha uma atuação muito forte na igreja.

Itamar Silva

Você pode dizer que foi a igreja que te levou ao casamento?

Mônica Francisco

Também, também.

Itamar Silva

Porque há uma intencionalidade, quando você entra, principalmente a igreja evangélica, há uma cobrança, certamente.

Mônica Francisco

Também, mas isso porque eu queria muito ter liderança, mas antes disso, a minha mãe dizia o seguinte...não é que a gente seja tão velho, né? Mas minha mãe dizia: "Você tem que casar, porque tem que ter nome pra você usar. O INAMPS, você tem que estar na carteira dele, entendeu? Você tem que estar na carteira do teu marido, então tem que estar direitinha. Porque aí você pode estar lá na carteira dele e ter direito."

Mônica Francisco

Porque era assim.

Mônica Francisco

As mulheres estavam registradas lá na carteira de trabalho do marido para ter direito a utilizar o sistema de saúde.

Mônica Francisco

Viva o SUS, né, hoje, né e viva a autonomia das mulheres!

Itamar Silva

Eu acho que...hoje...você é pastora.

Itamar Silva

Como é que é essa trajetória para você?

Itamar Silva

E como é que você dialoga hoje com esse campo que a gente atua, que é o campo dos movimentos sociais, de uma diversidade enorme, em que a questão da religião tem um peso e esse título de pastora também, e se isso te ajuda, se isso traz alguma complicação, como é que você lida com isso na relação com esse entorno político que a gente atua.

Mônica Francisco

Primeiro eu vou falar da feminista, porque eu acho que minha mãe era feminista.

Mônica Francisco

A gente precisa usar...as palavras são importantes, então para que as pessoas entendam, já que feminista é um termo que tem a conotação de uma mulher, autodeterminada, que tem autonomia, que tem liberdade de escolha, que é uma coisa que a gente precisa discutir muito, se é que, de fato, a gente tem liberdade enquanto mulher.

Mônica Francisco

E aí eu venho elaborando sobre...Será que eu sou feminista mesmo?

Mônica Francisco

Mas eu deixo essa apresentação de feminista porque é a forma mais fácil das pessoas entenderem mulheres que, de alguma forma, se contrapõem ao lugar que querem nos colocar.

Mônica Francisco

Então eu mantenho.

Mônica Francisco

Tenho dialogado um pouco com o mulherismo africana porque eu entendo a nossa relação de mulher negra com os homens. Principalmente com os homens negros.

Mônica Francisco

Porque se a gente for pensar no encarceramento no Brasil, os homens negros já estão presos.

Mônica Francisco

Então Maria da Penha é só mais uma coisa pra eles. Eles já são presos mesmo.

Mônica Francisco

Já são os preferenciais pra irem para o presídio.

Mônica Francisco

Então eu venho dialogando com o mulherismo africano.

Mônica Francisco

Não posso ainda fazer uma defesa incondicional. Mas eu venho olhando para isso, eu venho ouvindo, eu venho olhando para esse lugar a partir desse lugar de mulher negra, de favela, que entende quando a gente tem que se colocar porque os homens pretos não podem falar, porque senão eles ganham um tiro na cara.

Mônica Francisco

Mas mulher, mulher ganha também, mas a gente ainda consegue.

Mônica Francisco

A mãe preta que vai lá e entra na frente do fuzil do policial, que a gente vai para a rua fazer contraponto à opressão.

Mônica Francisco

Então, eu tô nesse linear.

Mônica Francisco

Mas, por enquanto, pode continuar falando feminista.

Mônica Francisco

Em relação à igreja, quando eu chego nesse lugar da igreja, eu já sou uma pessoa que tô ali mobilizada na comunidade, atuando.

Mônica Francisco

Então, nessa minha relação com o campo religioso, por onde eu passei, onde eu estou, tinha a Mônica militante.

Mônica Francisco

Então, Olha, para mim, eu sou religiosa, mas mesmo que as pessoas da minha igreja não vão para determinados eventos e lugares, eu vou.

Mônica Francisco

Eu já ia.

Mônica Francisco

Então, tem isso também.

Mônica Francisco

Então, para mim, nunca foi uma questão.

Mônica Francisco

Eu sempre estive nas lutas sendo liderança das igrejas onde eu passei.

Mônica Francisco

Então, já havia esse lugar.

Mônica Francisco

quase que ao mesmo tempo da Mônica religiosa, digamos assim.

Mônica Francisco

Então, não foi algo que surpreendeu os grupos religiosos com os quais eu me relaciono e me relacionei nesses 38 anos de Evangelho.

Mônica Francisco

Então, pra mim, nunca foi desconfortável.

Mônica Francisco

Claro que passei por muitos embates, por exemplo, eu me converti na Igreja Universal do Reino de Deus, E lá eu tive seríssimos problemas, com situações que hoje, eu diria, foram extremamente criminosas.

Mônica Francisco

criminosas, porque uma das dinâmicas da igreja, e eu fui uma pessoa que implantei igrejas, eu abri a igreja no Borel, hoje eu saio para fazer a formação pastoral lá e deixo uma igreja fundada, uma pastora assume, pastora Jovita, e depois...Foi a única pastora mulher que assumiu lá.

Mônica Francisco

A Universal, não sei hoje, realmente não sei, mas tinha poucas pastoras e foram muito do início.

Mônica Francisco

Eu chego na igreja, ela tinha pouco mais de uma década de existência quando eu chego na Igreja Universal, embora já conhecesse antes, mas eu chego na Igreja Universal ela já com pouco mais de uma década.

Mônica Francisco

Então haviam algumas pastoras que tinham sido jovens ali em torno de alguns líderes, o próprio Bispo Edir Macedo, então era a pastora Edna, a pastora Jovita, tinha uma outra pastora que era esposa de um pastor, então era pastor e pastora.

Mônica Francisco

Então eram poucas.

Mônica Francisco

E aí quando eu deixo a igreja já organizada, crescida, a pastora Jovita assume, eu vou para o Instituto Bíblico Universal, o IBUD, para fazer formação pastoral, teológico, o teólogo da época era o Jota Cabral, que era um ex-metodista, que vai escrever Orixás, Caboclos e Guias.

Mônica Francisco

muito conhecido, que mudou a história da dinâmica religiosa no Brasil em relação à perseguição das religiões de matriz africana.

Mônica Francisco

E o Jota Cabral era o teólogo responsável pelo Instituto Bíblico Universal.

Mônica Francisco

Então, eu já era uma pessoa da militância, eu já era uma pessoa da luta, mas foram muitos momentos difíceis sendo mulher, dirigindo igreja, abrindo igreja, porque a gente era força para abrir.

Mônica Francisco

Eu dirigi trabalhos ali no Jacaré, no Jacarezinho, eu lembro que a gente fazia trabalhos, eram só barracos ali ao longo, próximo ali à Praça da Concórdia, no Andaraí, Andaraí também, no Turano, ali no Complexo do Turano, em muitos lugares.

Mônica Francisco

Então, a gente era uma força como mulher.

Mônica Francisco

Fui disciplinada várias vezes porque...

Itamar Silva

Eu ia a outras igrejas...

Itamar Silva

Ser disciplinada significa?

Mônica Francisco

Significa ser retirada das suas atribuições, é ser alijado das suas tarefas, é ser disciplinado publicamente, para servir de exemplo, então, o pelourinho vivenciado por nós, ele é contínuo de diversas formas, né?

Mônica Francisco

Então, eu fui disciplinada de diversas formas.

Itamar Silva

Mas em que momento você, porque você hoje não congrega mais na Universal.

Mônica Francisco

Não, já há muitos anos.

Itamar Silva

Qual foi a chave?

Itamar Silva

O que aconteceu para que você pudesse...

Mônica Francisco
Primeiro, porque eu sempre gostei muito de estudar.

Mônica Francisco
Então, eu não me limitava a ouvir a pregação.

Mônica Francisco
Então, eu lia muito.

Mônica Francisco
Eu ouvia, o que você falou do Caio Fábio aqui no início da nossa conversa, então eu acompanhava, eu ia a muitos cultos do Caio Fábio, principalmente quando ele fazia, ele fez uma série de atividades na igreja da Comunidade Evangélica Zona Sul, então toda segunda-feira ele estava lá.

Mônica Francisco
Eu seguia muito o pastor Silas Malafaia, né?

Mônica Francisco
Eu acompanhava o trabalho dele.

Mônica Francisco
Toda segunda-feira, eu estava no trabalho evangelístico.

Itamar Silva
Isso tá lá no seu currículo, né? (risos)

Mônica Francisco
Tá no meu currículo.

Mônica Francisco
Tá no meu currículo. Eu não vou mentir. Tá lá.

Mônica Francisco
Eu sou parte e vi a evolução do campo evangélico no Rio de Janeiro.

Mônica Francisco
Então, eu saio da Universal porque eu começo a ter relação...

Mônica Francisco
me aproximar, hoje, da apóstola Valnice Milhomens.

Mônica Francisco

Valnice Milhomens, à época, uma missionária batista tradicional, para quem não sabe o campo batista, você tem batista tradicional, tem os batistas renovados, que crêem manifestações do Espírito Santo.

Mônica Francisco

Então, a missionária Valnice foi missionária em África, pela Junta Batista Nacional, E eu conheço uma pessoa ligada à Igreja de Nova Vida, ainda estando eu na Universal, e ela me apresenta a Valnice voltando para o Brasil.

Mônica Francisco

A Valnice ficou 18 anos no continente africano, entre Moçambique, Angola, então passou por todas as revoluções, todas as guerras civis, foi para Maputo, enfim, passou por vários países de língua portuguesa, em África, e era uma mulher, né?

Mônica Francisco

Então, eu olhava para a Valnice e ela me contou do quanto a Valnice se recusou a sair de Moçambique, porque a junta retirou todos os missionários, tirou todo mundo e ela se recusou a sair.

Mônica Francisco

porque já estava para ser instaurada, enfim, já estava bem sensível à situação no país, e ela continua lá.

Mônica Francisco

E lá ela conhece pessoas ligadas a uma outra forma de culto, que não a da Batista tradicional, e ela é batizada com o Espírito Santo, passa a desenvolver os seus dons espirituais e a igreja a abandona.

Mônica Francisco

E aí um pastor da Assembleia de Deus de São Paulo passa a garantir a sobrevivência dela lá, porque ela é abandonada pela igreja.

Mônica Francisco

a reputação dela é completamente destruída no Brasil, porque ela era o grande expoente batista nacional, completamente criada, doutrinada, desde mocinha, formação teológica, para cumprir o papel de uma boa batista nacional, e ela rompe com tudo isso, e ela é abandonada à sua própria sorte.

Mônica Francisco

E aí ela volta para o Brasil e essa minha amiga Soraya, que era uma liderança na Igreja de Nova Vida, ficou muito minha amiga e minha amiga até hoje, ela me fala da Valnice, ela me passa algumas fitas cassete com pregações da Valnice, alguns amigos aqui se reúnem em torno dela para dar suporte à vinda dela, para garantir que ela conseguisse voltar.

Mônica Francisco

e ela vem para o Brasil e eu passo a ter a Valnice como uma mentora.

Mônica Francisco

Então, ali ouvindo todas as fitas, até que descobriram que eu ouvia, que eu me reunia com um grupo...

Itamar Silva

E clandestinamente você ouvia.

Mônica Francisco

Clandestinamente eu me reunia para fazer vigílias toda semana em lugares.

Mônica Francisco

Uma hora era no Morro do Zinco, outra hora era no apartamento de uma amiga, outra hora era lá dentro de São Gonçalo.

Mônica Francisco

para ouvir as fitas da Valnice.

Mônica Francisco

E aí descobriram, e aí eu fui severamente disciplinada publicamente aos gritos.

Mônica Francisco

Meu amigo foi expulso da igreja porque eles tinham horror ao jeito dele, porque ele era da Universal, mas o jeito dele era de assembleano.

Mônica Francisco

Então ele andava com a Bíblia na mão.

Mônica Francisco

Era um...pária dentro da Igreja Universal assim, era um sujeito que gostava muito da Bíblia, o pessoal chamava ele de Bíblia, zoava, e nesse dia o pastor, nesse dia fatídico, eu tinha ido fazer uma visita, voltei para reunião de obreiros e obreiras, E eu sentei na frente, assim..."Vila do Gargarejo", primeira fila, na frente do pastor.

Mônica Francisco

E, para quem conhece a Igreja Universal, sabe que a maioria delas é em cinemas.

Mônica Francisco

E essa igreja era na Haddock Lobo, é ainda hoje, no antigo Cinecomodoro.

Mônica Francisco

Então, como todo cinema antigo, tem a galeria em cima.

Mônica Francisco

Então, em cima estava acontecendo essa reunião de obreiros, e embaixo o último culto do dia, que é as 20 horas.

Mônica Francisco

Não sei se era assim ainda, mas era.

Mônica Francisco

Então, era um culto mais vazio, mas todo mundo me conhecia, porque eu sou desse jeitinho, assim, introvertido, que vocês sabem.

Mônica Francisco

Então, todo mundo me conhecia, né?

Mônica Francisco

Dirigia igreja, fazia não sei o quê.

Mônica Francisco

E aí o pastor começa mansamente falando: “A gente têm alguns problemas que a gente tem que resolver.”

Mônica Francisco

E começou a falar, falar, falar.

Mônica Francisco

E começou a falar: “Tem gente aqui que tá se reunindo. Gente aqui que tá se reunindo pra ouvir fita...”

Mônica Francisco

Aí eu já fui ficando gelada.

Mônica Francisco

Mas tava ali na pose, né?

Mônica Francisco

E ele falou: “inclusive você, dona Mônica.”.

Mônica Francisco

E aí já, ai meu Deus, me descobriram aqui.

Mônica Francisco

E aí começou a gritar, a falar: “Você é uma obreira exemplar, cair nessa, de entrar nessa história de fanerose...”, que era uma coisa que estava na época que as pessoas caíam, hoje todo mundo sabe, mas começou aquela coisa de cair, botar a mão na cabeça, as pessoas caíam.

Mônica Francisco

Aí, não sei o quê, a pessoa chamava de fanerose e tal.

Mônica Francisco

“Você está indo na igreja do Cai-cai”, eu nunca fui, que era a igreja do Miguel Ângelo, que o Bispo Macedo odiava o Miguel Ângelo, o português, o angolano, que o pessoal acha que ele é português, mas ele é angolano.

Mônica Francisco

E tal.

Mônica Francisco

E aí levanta um lá que tinha, o X9, que me entregou, falou, “E ela está indo na igreja do Cai-cai!”.

Mônica Francisco

E é isso, aquela altura, aos gritos, aos berros, Já tinha acabado o culto, obviamente, porque ninguém mais conseguia, o pastor que estava fazendo, auxiliar, não conseguia mais falar.

Mônica Francisco

E aí ele falou, “E você”, falando com um amigo meu, que é pastor hoje da Assembleia de Deus, meu amigo até hoje, irmão: “Otacílio, você ia ser levantado albreiro, você se junta nessa história com a Mônica e tal”.

Mônica Francisco

“E você, Hebleia”, que é esse outro amigo, Arthur, que hoje é da Assembleia de Deus também, “você, rua! Rua! vai pra Assembleia de Deus, vai pra Batista, vai pra inferno, vai pra onde você quiser!”.

Mônica Francisco

E isso foi muito marcante.

Mônica Francisco

“E você vai ser disciplinada pra servir de exemplo”.

Itamar Silva

Você tem toda essa trajetória, essa formação teológica, um campo bastante controverso, um

pouco mesmo.

Itamar Silva

Você mesmo colocou aqui a questão do controle, da disciplina, da exposição. Não pode discordar, mas você vai fazer ciências sociais.

Itamar Silva

Você se torna uma cientista social e que, certamente, nessa trajetória, não sei se é contradição, mas certamente é um mergulho. para que você possa dialogar e refletir sobre essa própria tua trajetória e um pouco do contexto que a gente vive.

Itamar Silva

Fala um pouquinho como é que foi a tua chegada nessa universidade e esse processo também que faz essa articulação com a tua trajetória pessoal, a formação religiosa, mas também traz a tua própria militância que, pelo que me parece, você nunca abandonou, sempre teve acontecendo ao largo disso, e que você faz essa convergência quando você entra na universidade.

Mônica Francisco

As coisas na minha vida parece que acontecem em ciclos, muitas coisas ao mesmo tempo.

Mônica Francisco

E ao mesmo tempo, quando eu chego na universidade, com todas essas contradições, aos 38 anos, pela política de cotas, com uma turma jovem, mas também com muitas pessoas na minha faixa etária, para fazer Ciências Sociais, um curso muito elitista, em que eu chego na sala atrasada do trabalho e a professora disse o seguinte, “a minha aula começa às 18 horas. Se você não tem condição de fazer a minha aula, eu sugiro a você que não faça”.

Mônica Francisco

E eu não tinha nem sentado...

Mônica Francisco

Eu entrei...

Itamar Silva

Isso numa turma de ciências sociais, na UERJ, cotista, e você ouviu isso.

Mônica Francisco

Mas ainda estava muito latente a questão das cotas e do quanto isso poderia prejudicar a produção da universidade.

Mônica Francisco

e só tinham cinco anos, né?

Mônica Francisco

Eu lembro que eu cheguei, uma amiga, Luane Bento, estava fechando a formação dela, falando sobre as tranças africanas, assim, eu achei aquilo incrível, mas eu ainda não tinha letramento racial o suficiente, então eu chego ouvindo isso, né?

Mônica Francisco

E assim, eu não sabia o que fazer, se eu sentava para assistir a aula, se eu saía, Todo mundo em silêncio, olhando, né?

Mônica Francisco

Eu não sabia se eu sentava para assistir aula...

Itamar Silva

É uma outra disciplina, né?

Itamar Silva

Quase que você viveu um segundo momento...

Itamar Silva

De ser disciplinada publicamente por uma situação.

Mônica Francisco

É...

Mônica Francisco

Se eu sentava ou se eu saía...

Mônica Francisco

Falei, bom, o que eu vou fazer?

Mônica Francisco

Dar o meu jeito e chegar na hora.

Mônica Francisco

Lembrando que a gente chega, eu ainda não tinha cartão universitário, não tinha bandeirão, né?

Mônica Francisco

Então, às vezes, eu ia a pé, voltava a pé.

Mônica Francisco

Da UERJ até o Boaré é uma estiradinha, né?

Itamar Silva
É um chão (risos).

Mônica Francisco
E como a gente, você sabe bem, às vezes a gente ficava com três meses de salário atrasado.

Mônica Francisco
Uma vida que segue.

Mônica Francisco
E também chego à universidade fazendo, paralelamente, o curso de crioula, que era feito, coordenado pela Magali, de crioula, que era professora no serviço social da UERJ, sobre a teoria e as questões políticas da diáspora africana nas Américas.

Mônica Francisco
Então, eu me enfiar no curso e aí eu saía do curso, coordenado pela UT do Texas, com professores negros de lá.

Mônica Francisco
Hoje, Marcelo Paixão está lá, você sabe.

Mônica Francisco
Com Magali, com ênfase no feminismo negro.

Mônica Francisco
Primeira vez que vou ouvir falar de interseccionalidade e volto para a aula...

Mônica Francisco
...para os teóricos europeus, para os professores brancos, para aquela dinâmica elitista daquele momento, para uma professora que dizia que a gente, falando, obviamente, com alguns alunos também que já tinham feito graduações mais jovens ainda, de uma outra realidade, A UERJ hoje é muito mais popular.

Mônica Francisco
Então foram muitas contradições e tentando vencê-las todas.

Itamar Silva
Agora, Mônica, ao lado disso estava acontecendo uma militância muito forte sua. Eu acho que seria legal a gente compartilhar com as pessoas...

Itamar Silva

Esse tempo foi seu enfrentamento a partir do Borel, Oculpa Borel, a criação da rede, toda essa dinâmica que encarnava exatamente essas contradições que você estava vivenciando num campo teórico, no campo das reflexões, mas que, na prática, você estava fazendo acontecer as coisas...

Itamar Silva

Acho que é bacana a gente trazer essa tua experiência, essa militância, a partir desse campo de enfrentamento.

Mônica Francisco

Bom, nesse momento eu já estava muito ligada ao Ibase, eu acho que vale a pena dizer isso, porque eu queria ser professora de história também, fazer história, e eu vou para as ciências sociais por conta dessa relação com o Ibase.

Mônica Francisco

O Ibase, como uma ONG, tinha uma atuação, uma ação de produzir formas de diálogos muito interessantes, e a Agenda Social, projeto criado pelo Betinho, fazia quase...

Mônica Francisco

Eu posso dizer que era uma confluência ali de diversos atores e setores em diálogo, pensando o Rio de Janeiro, pensando a cidade do Rio de Janeiro e as favelas.

Mônica Francisco

Eu vou ver você, diretor do Ibase, primeiro coordenador do Ibase, e eu quero falar isso sobre militância, porque eu lembro de um episódio que eu não vou deixar de falar aqui, quando uma pessoa chega, Itamar e o Ibase estava informatizando, ou trocando computadores, eu não sei, e você já coordenador do Ibase, a gente feliz, porque você, homem negro, Caramba, como foi bom te ver lá.

Mônica Francisco

E eu lembro que eu tinha ido para fazer mobilização, alguma coisa assim, e você chegou logo no início para ocupar, saindo da Fundação Bento Rubião, indo para o IBASE, e uma pessoa chega e fala...

Mônica Francisco

E a gente estava esperando o Davi, que era o cara responsável da informática, que era um homem negro, né?

Mônica Francisco

É um homem negro.

Mônica Francisco

E a pessoa perguntou se você era o cara que ia mexer nos computadores para organizar,

para consertar.

Mônica Francisco

E aí você falou...

Mônica Francisco

Com toda a sua elegância, e aquilo foi muito doloroso.

Mônica Francisco

Tanto que eu não esqueci mais.

Mônica Francisco

E o Ibase teve esse papel muito de...de me colocar esse desejo de ir para as ciências sociais muito pelo Betinho, eu achava lindo.

Mônica Francisco

Cara, o Betinho era sociólogo e com uma capacidade de aglutinar o coletivo, de fazer dialogar setores tão diferentes, tão distantes, de cerzir a cidade partida.

Mônica Francisco

E era uma época de muita efervescência dos projetos de urbanização no Rio de Janeiro.

Mônica Francisco

A gente estava muito à frente da militância de organizar as mulheres no Borel, ali no entorno.

Mônica Francisco

A gente vai fundar a primeira associação de mulheres do Borel, "falecida dona Lourdes".

Mônica Francisco

Ai, meu Deus, que era uma grande liderança da favela Indiana, muito batalhadora nesse sentido de manter a favela ali, de não deixar a favela ser removida, de ir à luta, uma nordestina danada.

Mônica Francisco

Então, a gente funda a primeira associação de mulheres, eu já tinha fundado a primeira, não era a primeira, a primeira rádio Foi lá atrás, nos idos dos anos 50, 60.

Mônica Francisco

Mas a primeira rádio poste do Borel, digamos assim, a Rádio Comunitária do Borel. A RCB...

Itamar Silva

Mas você foi radialista também da Rádio da Grande Tijuca.

Mônica Francisco

Não, eu vou chegar lá.

Mônica Francisco

E aí, no âmbito da agenda, a gente funda em 2001, há 23 anos atrás, a Rádio Grande Tijuca, já nessa grande confluência, pensando lugares neutros para aquela galera de favela que morava ali na Grande Tijuca, nas favelas da Grande Tijuca, poderem se encontrar, porque era um momento em que ali estava conflagrada, era uma...

Mônica Francisco

em conflito conflagrado na Grande Tijuca com obra de urbanização, com a implementação do GEPAI, o avô das UPPs, e a gente discutindo segurança pública, organizando o debate em torno da favela, criando o termo “favela é cidade”, né Itamar?

Mônica Francisco

A gente cria o termo “favela é cidade”, é importante deixar isso registrado.

Mônica Francisco

Hoje todo mundo fala “favela é cidade”, a gente cria esse termo dizendo “favela é cidade”.

Mônica Francisco

Seminário...eu esqueci dessa foto, está bem lindo, a gente na Caixa Econômica “favela é cidade”, grandão, afirmando isso, pensando memória a partir da experiência do recém-criado Museu da Maré, discutindo memória de favela, essa contradição que a academia estava ali...

Mônica Francisco

Sim, o que é isso?

Mônica Francisco

Memória de favela?

Mônica Francisco

Museu de favela?

Mônica Francisco

E já à frente dessa organização das mulheres, pensando o trabalho, discutindo a economia solidária, como organizar coletivamente para empreender, empreendimento de base popular mesmo, favelada, periférica.

Mônica Francisco

E aí surge a primeira ocupação lá no Santa Marta.

Mônica Francisco

Opa, vamos atrás do Itamar para saber o que está acontecendo, o que é isso.

Mônica Francisco

Essa favela modelo que virou “Dona Marta”, porque era assim, “Dona Marta vira favela modelo”, passando por cima da tradição...

Mônica Francisco

E a gente queria entender, porque era vendida, a responsável à época, a capitã, era a capitã?

Mônica Francisco

Não sei.

Mônica Francisco

Priscila, como a grande expoente, a grande mãe do Santa Marta.

Mônica Francisco

Vamos atrás do Itamar, a gente tem que saber o que está acontecendo.

Mônica Francisco

E, paralelo a isso, a gente se mete lá, levado pelo Paulo e por você, na discussão com o Fórum Nacional, para enfiar a favela num contexto altamente elitizado, do Fórum Nacional, projeto coordenado pelo ex-ministro Reis Veloso, João Paulo dos Reis Veloso.

Mônica Francisco

e que era um fórum que discutia macro-política, macro-economia, questões globais, geopolítica...

Mônica Francisco

As mesas eram presidentes, reis - reis é brincadeira- mas presidentes, ministros, secretários de Estado, governadores.

Mônica Francisco

e pessoas, embaixadores, cônsulos...

Mônica Francisco

Aí, de repente, vem Itamar e Paulo e enfia a favela lá para...

Itamar Silva

A gente não queria ficar sozinho, né, Mônica?

Mônica Francisco
E vai, Cleonice, e a gente...

Mônica Francisco
Discute PAC favelas e ocupação de favelas, 2009.

Mônica Francisco
2008, ocupação no Santa Marta, 2009, a gente se enfia lá, puxada por vocês.

Mônica Francisco
e a gente insere a favela, a primeira mesa, junto com o estrategista militar, que é especialista em combate ao narcotráfico, na mesma mesa que a gente, porque ele não pôde vir no dia dele, que era o anterior, ele era a mesa com os favelados...icônico!

Mônica Francisco
E...

Mônica Francisco
Vamos ver a experiência do Santa Marta.

Mônica Francisco
A gente vai pensar o que está acontecendo lá.

Mônica Francisco
Dois anos depois, as UPPs chegam no Complexo do Alemão e no Borel.

Mônica Francisco
E a gente vai dizer, opa, já ouvindo você, já conversando sobre, Sonia Fleury fazendo, nossa coordenadora, uma série de discussões pela FGV e depois Favela é Cidade, tem na rede, todo mundo pode ver.

Mônica Francisco
E a gente diz, opa, peraí, a gente tem que fazer alguma coisa.

Mônica Francisco
Inspirada na experiência da Cidade de Deus, do Comitê Comunitário, a gente chama o povo no Borel e a ideia era meio que copiar o Comitê Comunitário, mas a gente acaba construindo a rede de instituições.

Mônica Francisco
Para cada um tem um nome, mas o nome era Rede de Instituições do Borel.

Mônica Francisco

que era um grande fórum, pensando na experiência da agenda social, um grande fórum para discutir com quem estava chegando, discutir com a tal da UPP Social, que a gente não entendia bem como que uma UPP ia virar UPP Social, Unidade de Polícia Pacificadora Social, o que que era aquilo.

Mônica Francisco

e com um comandante da UPP que havia vindo do 7º batalhão, um batalhão que quem é de São Gonçalo conhece, e a gente pensando, a gente tinha vivido uma série de situações difíceis nesse contexto, nesse batalhão específico em São Gonçalo, e o cara era carne de pescoço.

Mônica Francisco

E a gente vai fazer uma série de mobilizações e a Rede de Instituições do Borel, a gente perturbava a vida da Sílvia Ramos, do Ricardo Henriques, e a gente vai e vira um...

Mônica Francisco

um case também em relação à participação popular, controle social que, vamos lembrar, não era bem visto à época.

Mônica Francisco

Participação popular de verdade, inclusive com muitos moradores.

Mônica Francisco

Eu lembro, mais à frente, quando a gente fez o Ocupa Borel, por conta de um toque de recolher, feito por um grupo do plantão, aí já tinha voltado aquela dinâmica dos plantões, que era muito peculiar à...

Mônica Francisco

...Polícia tradicional, não a polícia de proximidade, de que quando o plantão era bom, todo mundo era feliz.

Mônica Francisco

Quando o plantão não era bom, todo mundo dava o seu jeito de tentar sobreviver.

Mônica Francisco

E aí esse plantão específico, que até as criancinhas conheciam, resolveu fechar tudo e deixar só uma lanchonete no alto do Morro aberto, que é onde eles iam comer na madrugada.

Mônica Francisco

E aí eu chego, vou lá para o Orkut – era Orkut ainda, o Facebook, não sei – para tentar saber o que estava acontecendo.

Mônica Francisco

Por que o morro estava daquele jeito, já que estava ocupado, estava em paz, pacificado?

Mônica Francisco

Aquela coisa de tudo fechado a gente só via antes, quando o morro não estava em paz, pacificado, quando as pessoas não tinham recebido a república, aquela coisa toda.

Mônica Francisco

E aí, todo mundo falando, “ah, não, porque a UPP mandou fechar”, mandou fechar?

Mônica Francisco

Como que mandou fechar?

Itamar Silva

Essa é uma prática do...

Mônica Francisco

É, mandou fechar, mas por quê?

Mônica Francisco

E tipo, e aí eu sempre penso, sabe, Itamar, por que a gente não fica quieto no nosso canto?

Mônica Francisco

Por que a gente tem que se meter nas coisas?

Mônica Francisco

E aí...conversando...aí entra meu filho, entra os jovens lá da igreja também, que hoje estão lá tocando projeto, militando, e todo mundo sempre grudado na gente.

Mônica Francisco

E aí falei, “ah, não, vamos lá”.

Mônica Francisco

Estava no momento da efervescência do Ocupar e Wall Street, Ocupa tudo, né?

Mônica Francisco

Falei, “vamos fazer um Ocupa, vamos Ocupar também”.

Mônica Francisco

E aí todo mundo foi colando, quer dizer, todo mundo, não.

Mônica Francisco

E aí o Diego falou, “lá no Alemão também eles estão barbarizando, tem um menino lá do Projeto, o Raul Santiago, fala com a Alan”, e eu já falando, “Alan, e tal, vamos fazer”.

Mônica Francisco

E o Alemão, resolveu fazer um Ocupa Alemão também no mesmo dia, foi no mesmo dia, com viéses diferentes.

Mônica Francisco

E a gente faz o Ocupa Borel.

Mônica Francisco

Na primeira reunião, a gente chama todo mundo.

Mônica Francisco

Guilherme Pimentel, que estava na Comissão de Direitos Humanos, chama todo mundo, vem todo mundo, vem, vamos fazer.

Mônica Francisco

E aí eu fui xingada pelo pessoal, parte dos moradores da Rede, falaram que eu ia ferrar todo mundo, mas não foi assim ferrar, né?

Mônica Francisco

Que eu ia ferrar todo mundo, que a gente morava lá dentro, sabe bem, né?

Mônica Francisco

que eu ia ferrar todo mundo, que a gente morava lá dentro, que eu estava contra, que não estava tendo morte, e eu estava sendo contra aquilo e tal, e o povo que veio de fora, Guilherme, todo mundo assim naquele meio, né? metade a favor, metade contra, uma briga danada, desgraçada, gente saindo, xingando, e eu pensando, falei, cara, ferrou tudo, como é que eu vou fazer sozinha com gente de fora?

Mônica Francisco

Complicado, né?

Mônica Francisco

Mas, olha, resumo da ópera, que no dia do Ocupa Borel, a primeira coisa que eu recebo é um telefone da companheira da Rede que trabalhava num projeto, dizendo assim: “Mônica, o comandante esteve aqui”, sendo que o comandante já não estava mais lá.

Mônica Francisco

Ele tinha saído para fazer um curso, porque ele iria ser elevado de patente, subir de patente, e tinha ficado sub dele.

Mônica Francisco

“O comandante veio aqui com dois policiais, procurando quem está organizando a

manifestação”, eu gelei, né?

Mônica Francisco

Como diz a juventude, a alma saiu do corpo, né?

Mônica Francisco

Mas eu estava, neste momento do telefonema, na casa da Ruth Barros, que é uma moradora antiga, que mora na Rua São Miguel, esperando uma rede de televisão francesa que ia documentar o Ocupa Borel.

Mônica Francisco

Ia passar o dia no morro, fazendo matéria, entrevista com quem quisesse falar sobre a opressão da UPP.

Mônica Francisco

Então, assim, a equipe lá, eu recebendo o telefonema dela, fingindo que tava tudo bem, né, pra quem tava em volta, porque se eu falo: “pô, Itamar, deu ruim”, você fala, então acabou, não vamos fazer.

Mônica Francisco

Como é que eu vou ligar pra todo mundo, que eu já tinha falado pra Deus e o Mundo, Deus e o Mundo já tinha falado pra outro Deus e o Mundo.

Mônica Francisco

E...

Mônica Francisco

E aí, ela falou assim “mas fica tranquila, que eu falei assim, ó...”, a favela é ótima, né?

Mônica Francisco

“...sei não, acho que, sei lá, tem um monte de morador aí falando, acho que não tem uma pessoa assim, entendeu? Acho que tem vários moradores aí, mas eu não sei direito como é que vai ser não, não sei”.

Mônica Francisco

Mas eles estavam procurando.

Mônica Francisco

Bom, resumo da ópera, a gente faz o Ocupa Borel, meu marido fica escondido, obviamente.

Mônica Francisco

Foi muito engraçado, porque quando terminou tudo, tava lá meu marido e meu vizinho lá, já tinham bebido todas, e meu vizinho falando assim: “não, a gente tava aqui, tia Mônica.

Porque ó, se prende a senhora, a gente ia lá!”

Mônica Francisco

Gente, nem apareceram... (risos)

Mônica Francisco

Tipo, meu marido.

Mônica Francisco

E tipo, “se prende a senhora, a gente ia lá”.

Mônica Francisco

Não apareceu ninguém.

Mônica Francisco

Meu marido não apareceu mesmo.

Mônica Francisco

Mas foi incrível porque a gente estava proibido de fazer um monte de manifestação.

Mônica Francisco

As pessoas desceram.

Mônica Francisco

A gente fez inicialmente uma intervenção cultural com a bateria da escola, mirim, parte, né?

Mônica Francisco

Alguns, gatos pingados.

Mônica Francisco

Aparecia a bateria toda, né?

Mônica Francisco

E aí a gente chamou o MC Leonardo e o Léo foi e tal, e começa.

Mônica Francisco

E aí foi chegando gente, chegando gente, chegando gente, chegando gente, chegando gente ...

Mônica Francisco

Chegou gente de fora, né?

Mônica Francisco

O nosso querido e saudoso Machado, gente incrível, subiu o morro assim, ó, numa galhardia,

firme e forte, eu morrendo e ele subindo.

Mônica Francisco

E todo mundo, e o comandante chega, e o pessoal fechou a rua espontaneamente, porque era tanta gente, que as pessoas não estavam saindo.

Mônica Francisco

As pessoas saíram.

Mônica Francisco

Ninguém queria saber quem estava organizando nada, o que era, as pessoas saíram.

Mônica Francisco

Muita gente nem sabe o que foi, só saíram.

Mônica Francisco

E aí alguém falou assim, alguém grita na multidão: "O povo quer subir o morro!".

Mônica Francisco

E não podia.

Mônica Francisco

E o Machado: "nossa, quanta polícia, quanta polícia. Quanta arma!".

Mônica Francisco

Porque era isso, né?

Mônica Francisco

Fuzil em profusão e vamos subir o morro.

Mônica Francisco

E o povo sobe o morro e os jovens fazendo cartazes e vira um carnaval com comissão de frente, com alas.

Mônica Francisco

E a gente sobe o morro, chega no final do morro...eu sabia quem era o Nego do Borel, não sabia que esse garoto era o tal do Nego do Borel, que a juventude do morro já conhecia, mas a juventude do morro já conhecia.

Mônica Francisco

E a galera falou assim: "O Nego do Borel quer falar, quer cantar, quer cantar!", e a gente tinha que terminar.

Mônica Francisco

E aí ele pega o microfone, porque a gente estava dando o microfone para todo mundo no alto do morro, e ele fala: “O baile do Borel vai voltar!”.

Mônica Francisco

que baile que não podia...

Mônica Francisco

Aí o pessoal começa, então: “ah, eu só quero ser feliz...”

Mônica Francisco

E vira uma carnavalização do ato, e a gente escreve uma carta para o então secretário de segurança da época, José Mariano Beltrame, pedindo explicações sobre o toque de recolher, porque era para aquilo, o ato.

Mônica Francisco

E ele responde dizendo o seguinte, que “a guarnição foi surpreendida no alto do morro, numa área muito perigosa, com o aviso de que haveria uma suposta invasão de grupos rivais à antiga facção. E para proteger a vida dos moradores, eles pediram aos moradores que não circulassem...”

Itamar Silva

Tudo para nos proteger?

Mônica Francisco

Para proteger os moradores.

Mônica Francisco

E lembrando que o Ocupa Borel foi antes das Jornadas de Junho, mas já vinha também de um acúmulo da Chacina do Borel, onde a gente ajuda a criar lá o movimento “Posso me Identificar”, que criou uma série de outros movimentos que existem hoje na cidade do Rio de Janeiro, de enfrentamento à violência.

Itamar Silva

A gente pode dizer que esses dois eventos, o “Posso me Identificar”, que é anterior, que também foi um momento muito forte ali numa reação do Borel, e você estava junto, à frente talvez, e o Ocupa, isso que te leva para a assessoria da Marielle Franco e cria esse caminho de uma candidatura, talvez um pouco para a gente tocar isso também, que acho que é importante, para ver que ninguém...

Itamar Silva

...lideranças como você, não nasce ali na frente, na estrada, mas tem uma trajetória, tem um acúmulo e tem uma articulação que você trouxe aqui contando a história para a gente do

Ocupa, como é que essa articulação entre várias favelas foi fundamental, mas não só entre as favelas, mas também entre as instituições e alguns representantes da sociedade.

Itamar Silva

E isso pavimentou, talvez, um caminho para você, que te coloca primeiro na assessoria da Marielle Franco e depois vai te colocar na Assembleia Legislativa. Fazer uma apresentação disso, acho que é bom.

Mônica Francisco

Vou precisar voltar um pouquinho porque a chacina do Borel aproxima a gente da Comissão de Direitos Humanos, a gente está falando de 2003, a gente está falando de uma mobilização que sai do Borel, uma época que não tinha celulares...

Mônica Francisco

...em que as redes sociais não eram tão usadas e essa nossa articulação, muito por conta da agenda, esse contato Itamar entre as favelas, no boca a boca, principalmente o Santa Marta, eu lembro...

Mônica Francisco

Vieram muitas favelas para o Borel.

Mônica Francisco

Você estava lá, você lembra disso.

Mônica Francisco

Levou os moradores e foi...

Mônica Francisco

Eu gosto muito de lembrar isso porque memória é importante.

Mônica Francisco

Não é à toa que esse projeto é o Memória Viva.

Mônica Francisco

Acho eu, posso estar muito errada, mas acho eu que foi o primeiro grande movimento de favelas depois do enfrentamento às remoções.

Mônica Francisco

Foi a mobilização do Borel, porque ela traz outras favelas para junto.

Mônica Francisco

que vão porque estão sofrendo também há muito tempo.

Mônica Francisco

Estou falando de 2003, claro que a gente teve lá as chacinas, Vigário Geral, mas ainda não foi aquela grande coisa, porque mesmo nas marchas pela paz, na entrega de flores e tudo mais, não era a favela protagonista totalmente.

Mônica Francisco

A gente foi muito protagonista na luta contra as remoções.

Mônica Francisco

Então, esse movimento do Borel, e eu não acho que isso seja por qualquer coisa, eu acho que o Borel tem uma história de organização, a relação com o Partido Comunista, que muitas outras favelas tinham também, a Rocinha e tudo mais, a igreja também, a própria Santa Marta.

Mônica Francisco

Ali, em 2003, foi uma grande confluência de favelados com muitos setores, porque a gente vai lembrar, foi quando é lançada a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, com status de ministério, com o Mário Miranda, né? se eu não tiver a cabeça... e a gente leva todo mundo para o Borel, aquela grande mobilização de gente de dentro e de fora, mas principalmente, usando esse termo, os de dentro vão mobilizar para aquela chacina.

Mônica Francisco

Claro que também ter ali, entre os mortos, um menino que morava na Suíça, gerou também uma mídia mais ampla em relação àquelas mortes.

Mônica Francisco

E a mobilização das favelas, sem dúvida, foi o grande sucesso, digamos assim.

Mônica Francisco

E naquela mobilização que já estava muito ali em torno da agenda social, isso ajudou muito a fortalecer.

Mônica Francisco

esse boca a boca para trazer também as favelas para perto.

Mônica Francisco

E aí essa proximidade com a Comissão de Direitos Humanos, a partir desse lugar, militância, borel, chacina, posso me identificar, essa relação foi continuada.

Mônica Francisco

E você vai lembrar bem, o Ibase tinha uma efetividade nos seus debates de conjuntura.

Mônica Francisco

E a gente, obviamente, discutindo segurança pública, discutia com muitos atores ligados ao campo dos direitos humanos.

Mônica Francisco

E o Freixo era um deles.

Mônica Francisco

Na época, ainda na Justiça Global.

Mônica Francisco

Eu lembro que a gente discutiu durante muito tempo a coisa dos presídios e a atuação dele era muito ligada a isso.

Mônica Francisco

Logo depois, em 2007, ele se candidata, é eleito, assume uma cadeira na Assembleia Legislativa e assume a Comissão de Direitos Humanos, onde a gente já tinha essa relação.

Mônica Francisco

Então, já tinha essa relação via Ibase, lá nos debates de conjuntura, a relação com a Comissão de Direitos Humanos, que é onde eu conheço a Marielle.

Mônica Francisco

E, obviamente, a Marielle era aquela pessoa...

Mônica Francisco

Ela ainda não era coordenadora da Comissão de Direitos Humanos, mas era ali uma assessora que acompanhava bastante, né?

Mônica Francisco

E você vai lembrar, né, a ocupação lá pela UPP em 2010, a gente esteve muito próxima da Comissão de Direitos Humanos e o Freixo foi muito ao Borel.

Mônica Francisco

E a Marielle mais ainda, porque a gente fez uma série de ações como o Ocupa Direitos Humanos no Borel, então a gente atuava muito em outras favelas, então várias violações em outras favelas com UPP, a gente também fazia essa articulação com a Comissão de Direitos Humanos para atender, para ir junto, a gente ia junto, participava também de muitas atividades da própria comissão, lançamentos, produção de relatório, relatórios lá da comissão que o...

Mônica Francisco

...deputado, à época, produzia com a sua equipe, a gente ia também junto com outros companheiros nossos, o Alan, que era aqui do nosso Conselho, sempre também para a

formação da equipe dele, do gabinete, da pauta de favela e tudo mais, então a gente estava sempre lá, então ficamos muito próximos ali, mas muito nessa relação mais próxima com a Marielle, com o Guilherme Pimentel, que era com o próprio Marcelo e mais umas duas ou três pessoas do gabinete dele, mas as mais próximas mesmo, além dele, era a Marielle e o Guilherme Pimentel, que foi nosso ouvidor aqui externo da Defensoria Pública.

Mônica Francisco

E aí essa relação de amizade com a Marielle, como muitas outras pessoas, se deu nesse âmbito.

Mônica Francisco

E aí, em 2016, a Marielle se candidata, a gente ficou super feliz, porque a gente já fazia, obviamente, as campanhas ali do Freixo, porque era como grande parte do campo e os militantes de direitos humanos aqui do Estado.

Mônica Francisco

...e da cidade, e a gente se organizou em torno da candidatura da Marielle Franco, a vereança e tal.

Mônica Francisco

E Marielle é eleita, mas como todo mundo, a gente é companheiro, militante, a gente faz a campanha, não faz para ir trabalhar com a pessoa, até porque eu tinha lá meu trabalho também.

Mônica Francisco

E aí, ao apagar das luzes de 2016, ela organizando o gabinete dela...

Mônica Francisco

...surge uma discussão entre o gabinete dela e o gabinete do Freixo sobre a Comissão de Direitos Humanos, quem assumiria esse lugar que a Marielle ia deixar vago lá.

Mônica Francisco

E aí, nessa discussão de organização de equipe, quem poderia ser a pessoa a ocupar esse espaço na Comissão de Direitos Humanos, foram aventados o meu nome e da Mônica Cunha, que era do Projeto Moleque, ligada a questões sócio-educativas e violência e tudo mais.

Mônica Francisco

E aí ela falou, acho que seria legal a Mônica estar com a gente no gabinete, a Mônica Cunha na Comissão de Direitos Humanos.

Mônica Francisco

Mas ainda ficou uma discussão muito grande e ela veio conversar comigo se eu toparia fazer parte.

Mônica Francisco

Eu tinha muita resistência a me envolver com política partidária, muito por dentro, embora estivesse ali nessa franja, né?

Mônica Francisco

Militância com a maioria dos militantes ligados ao Partido dos Trabalhadores e trabalhadoras.

Mônica Francisco

Ali, Freixo, depois que vai para o PSOL, Comissão de Direitos Humanos, ali o PSOL.

Mônica Francisco

Então, mas muito ali na franja desses partidos, mas nunca organicamente, até porque eu sempre me reivindiquei militante, favela, aquelas coisas que todo mundo sabe.

Mônica Francisco

Você não sabe, vai ficar sabendo agora.

Mônica Francisco

Então, eu pedi um tempo pra ela, pra pensar.

Mônica Francisco

E aí ela falou que não tinha muito tempo, porque tava fechando o gabinete, tem essas coisas, né?

Mônica Francisco

Porque realmente era apagar das luzes, dezembro ali.

Mônica Francisco

Então, janeiro tinha que estar com as pessoas pra nomear e tal, aquela coisa.

Mônica Francisco

E eu falei, putz, o que que eu vou fazer?

Mônica Francisco

Os anarco-favelado vão cair no meu couro... (risos)

Mônica Francisco

A outra parte que eu sempre disse, esse negócio de assessor parlamentar, geralmente muito ligado à direita, ou a uma centro direita ali, nunca estava muito próximo da gente que militava dentro da favela.

Mônica Francisco

Era uma coisa muito assim, mais de fazer a política ali do gabinete que o cara estava ligado, mas não muito...

Mônica Francisco

Uma coisa mais ampla, como a gente fazia.

Mônica Francisco

O mais próximo de um militante que a gente tinha uma relação foi o falecido José Ivan Dias Brito, que era um militante histórico do MR-8, que depois foi para o MDB, PMDB.

Itamar Silva

Me permite, talvez, só uma coisa. Talvez isso não tivesse sido tão explicitado, mas, na verdade, mesmo vários pessoas de densas favelas, cumpriam esse papel de assessorias.

Itamar Silva

Você falou do Ivan agora, mas eles tinham outros nomes que circulavam nesses gabinetes, mas só que não levantavam uma bandeira, isso não era um posicionamento...

Mônica Francisco

Perfeito. Mas eu sempre achava que era uma coisa muito distante, porque a minha ideia de militância não passava.

Mônica Francisco

Talvez pela formação mesmo.

Mônica Francisco

A minha formação é do chão, da base, da luta.

Mônica Francisco

Não vem de uma formação partidária, como também sindical.

Mônica Francisco

Eu nunca quis me envolver.

Mônica Francisco

Então, eu não tinha essa formação.

Mônica Francisco

Eu tinha uma certa distância, porque eu achava que isso poderia me dificultar a circulação militar.

Mônica Francisco

Não que as pessoas...

Mônica Francisco

Mas me limitar.

Mônica Francisco

Então eu queria estar em tudo quanto era buraco, né?

Mônica Francisco

De luta, de tudo.

Mônica Francisco

Então eu não poder fazer isso...

Mônica Francisco

Pra mim, eu tinha esse receio, né?

Mônica Francisco

E aí conversa com os meus amigos, conversa com a família, pensando com que cara que eu ia falar publicamente pra todo mundo.

Mônica Francisco

Eu tava trabalhando no LTM aqui da Fiocruz, no Laboratório Territorial de Manguins, como é que eu ia falar com o povo do laboratório, né?

Mônica Francisco

Que eu ia ser...

Mônica Francisco

Nossa, eu tava desesperada.

Mônica Francisco

E me tirou o sono, né?

Mônica Francisco

Com que cara que eu vou olhar pros favelados?

Mônica Francisco

Um medo, na verdade era um medo muito grande, né?

Mônica Francisco

Eu falei, e aí conversando com a minha família: “mas a Marielle é uma mina maneira”, meu marido “A Marielle é uma mina maneira, pô”.

Mônica Francisco

Meu filho: “não, eu acho que você precisa estar assim, eu acho que tem que fortalecer a Marielle, tem que estar nesse lugar e tal, vai ser bom, pelo menos se eu trabalhar num lugar só”, porque eu tava trabalhando em vários lugares, tava lá escrevendo pro Jornal do Brasil, e aí fui conversar, minha nora foi meio do caminho e tal, estava ali próxima do PSTU... (risos)

Mônica Francisco

Estava assim...o povo de serviço social ali.

Mônica Francisco

Mas o meu grupo mais restrito de amigos, irmãos da vida, uma da Maré, inclusive: “Não, poxa, a Marielle, conheço...”, amiga de pré-vestibular da Marielle, a Sandra Tomé, que é lá do Luta Pela Paz, hoje é, e aí falei, “tá, Mari”, aí marcamos para conversar, para alinhar o que eu faria e tal, e aí, gente, que coisa maluca, como é que eu vou trabalhar?

Mônica Francisco

Naquela lógica, eu digo que eu fui muito, eu falei isso para a Marielle uma vez já, eu fui muito docilizada na lógica do trabalho, eu fui operária, né, gente?

Mônica Francisco

Não esqueçam nunca disso.

Mônica Francisco

Então, eu sempre falava com os meus filhos, né?

Mônica Francisco

Hoje mais não, mas eu sempre falava com eles.

Mônica Francisco

“Vambora, gente”, na hora de levantar, de escola...

Mônica Francisco

Falava, sete horas da manhã eu já tava trabalhando.

Mônica Francisco

Eu não ia trabalhar, não, sete horas da manhã eu já tava na frente da minha bobina.

Mônica Francisco

“Ai, ai, mãe, não sei o quê, chata pra caramba”, né?

Mônica Francisco

Falar essas coisas.

Mônica Francisco

Sete horas da manhã eu já estava trabalhando, não era acordando para ir trabalhar, não.

Mônica Francisco

Eu digo, eu fui docilizada, eu fui operária.

Mônica Francisco

Então, eu pensava, o que eu vou fazer?

Mônica Francisco

O que eu faço?

Mônica Francisco

O que eu vou fazer?

Mônica Francisco

Eu achei muito maluco e tal, mas que coisa, uma experiência incrível.

Mônica Francisco

E lá no mandato da Marielle, em 2018, ela começa a fazer esse namoro, 2017, não em 2018, em 2017.

Mônica Francisco

E aí a gente fez a plenária do mandato dela na Quinta da Boa Vista.

Mônica Francisco

Tinha uma coisa diferente ali acontecendo porque eu não sabia exatamente, mas a coordenação dela sabia que ela já estava organizando isso.

Itamar Silva

Alguém que estava olhando para você?

Mônica Francisco

É, tipo, diferente ali acontecendo, até que ela me chama mesmo para falar.

Mônica Francisco

E aí foi muito próximo do Mulheres na Política, porque ela já vinha construindo isso com outras mulheres também, dentro da partida, pensando a ocupação desse lugar.

Mônica Francisco

E tinha muito essa coisa de ela caminhar e não deixar a câmara de vereadores e vereadoras vazia de uma mulher preta.

Mônica Francisco

Então, era isso, era fazer a construção para 2020.

Mônica Francisco

E eu sempre muito refratária, porque eu falava: “Gente, como é que eu vou fazer isso? Como é que eu vou...”.

Mônica Francisco

Olhava aquilo ali...

Mônica Francisco

É uma arena, não é?

Mônica Francisco

Completamente diferente, é outra coisa.

Mônica Francisco

E falar no plenário e não sei o quê.

Mônica Francisco

Até que o Henrique Vieira desiste de concorrer em 2018, pastor, e uma companheira que tinha e tem até hoje a pauta de mulheres e economia, que é uma pauta próxima e a pauta nossa também.

Mônica Francisco

Ela falou: “Mônica, eu acho que tem que ser agora”.

Mônica Francisco

E aí, enfim, já tinha rolado aquela coisa de não ser candidata a senadora.

Mônica Francisco

Ela já seria vice na Chapa com Tarcísio.

Mônica Francisco

E ela queria que, no dia da apresentação da Chapa, a gente já estivesse ali, como eu naquela, ainda meio...

Mônica Francisco

E aí ela fez um movimento, vai, candidata lá ao Conselho da República para acompanhar a intervenção.

Mônica Francisco

E aí é bem engraçado estar lá no YouTube o vídeo da bancada, que eu não sabia nem quem eu era.

Mônica Francisco

A Eurondina lá defendendo: “A Mônica Francisco, a lutadora das favelas...”.

Mônica Francisco

Muito bonitinho.

Mônica Francisco

Era um movimento também de fazer as pessoas conhecerem essa história.

Mônica Francisco

Fui coordenar o grupo que ia construir a relatoria da intervenção.

Mônica Francisco

Marielle estava, naquele momento, relatora da intervenção da comissão que ia acompanhar a intervenção federal militar na segurança pública do estado do Rio de Janeiro, e acompanhando ali todas as movimentações em torno desse tema, até que houve a execução da Marielle.

Mônica Francisco

Eu ainda recebi 54 votos lá, concorreu eu, Ilona Szabó, que você conhece bem, do Igarapé, e mais algumas outras pessoas, mas ganhou uma figura lá ligada ao...ao establishment.

Itamar Silva

Bom, aí você enfrentou uma eleição para a Assembleia Estadual, em que você teve 40 mil votos...

Mônica Francisco

40 mil e 631 votos.

Itamar Silva

Agora, se você achava a Câmara Municipal uma arena, qual era a palavra para qualificar a Assembleia Legislativa?

Itamar Silva

Essa sua experiência dura também...

Mônica Francisco

Eu vou manter arena, porque arena, quando a gente pensa numa arena, é um espaço de sobreviver.

Mônica Francisco

Que aprendizado, porque eu realmente não sabia o que fazer...

Mônica Francisco

E a primeira coisa que eu evoquei, Itamar, as pessoas acham que isso é papo furado, que é só frase de efeito, mas eu sozinha pensando “o que eu vou fazer?”, literalmente pensando “o que eu vou fazer?”, porque ninguém te ensina.

Mônica Francisco

Não te ensina.

Mônica Francisco

Se vira.

Mônica Francisco

Se errar, o ônus é seu.

Mônica Francisco

Se acertar, a gente tá junto.

Mônica Francisco

E foi bem difícil.

Mônica Francisco

Primeiro porque, como eu disse antes, eu não fui formada dentro de uma liturgia partidária.

Mônica Francisco

Claro que o movimento social tem disputa, mas é outra coisa.

Mônica Francisco

E falei: “Caraca, como eu vou sobreviver aqui?”.

Mônica Francisco

Olhava, tinha lá o figurão que tinha sido vice-governador com séculos de ALERJ.

Mônica Francisco

Outros que a gente sabe ligados a setores muito complicados e sensíveis.

Mônica Francisco

Uma maioria bolsonarista, vociferando e na postura corporal de valentões, sabe?

Mônica Francisco

No corpo mesmo, na postura corporal.

Mônica Francisco

Depois a gente vai olhando fotos, imagens.

Mônica Francisco

Tem uma imagem que eu tô falando sobre o racismo que eu sofri dentro da ALERJ, e que outras companheiras sofreram também.

Mônica Francisco

E eles estão em volta, porque eles estavam...

Mônica Francisco

Enfim, depois...

Mônica Francisco

Foi um caos.

Mônica Francisco

E todos eles em volta, e eu no microfone, e você vê os rostos.

Mônica Francisco

Claro que depois você vai costurando e aprendendo, circulando ali, mas quando eu estava dizendo para mim mesma o que eu vou fazer, porque tem coisas que você...

Mônica Francisco

Como é que você vai falar para alguém?

Mônica Francisco

Não tem.

Mônica Francisco

A primeira coisa que eu pensei é: Vou fazer o que eu faço sempre.

Mônica Francisco

Vou ser eu mesma, né?

Mônica Francisco

Pro bom e pro ruim, porque...

Mônica Francisco

É...

Mônica Francisco

A minha essência é favelada.

Mônica Francisco

Caramba, a gente ficou viva até hoje, né, Itamar?

Mônica Francisco

A gente tá vivo.

Mônica Francisco

E aí eu comecei a falar, é o papo reto, que não é usual e não é...

Mônica Francisco

É o lugar do eufemismo, não é do papo reto, mas...

Mônica Francisco

Falei, eu vou fazer o que eu vou tentar sobreviver do jeito que eu sei, né?

Mônica Francisco

É...

Mônica Francisco

...e tentando ir para o diálogo, evocando a mediadora num ambiente que não estava propício para mediar nada, muito pelo contrário.

Mônica Francisco

Eu falei: "Vou fazer a defesa incondicional do que eu acredito e vou tentar uma estratégia".

Mônica Francisco

E aí eu ficava lembrando, eu lembro que uma companheira falou assim: "Pensa que eles são o comandante da UPP, faz igual tu fez lá com o comandante da UPP", como se a gente...

Mônica Francisco

Vou fazer assim...

Mônica Francisco

Cada momento é um momento, a gente nem sabe como vai agir, a gente não programa isso.

Itamar Silva

Mas acho que, rapidamente, o teu mandato e você, vocês encontraram um caminho.

Mônica Francisco

Encontramos, encontramos um caminho.

Itamar Silva

Pelo que eu acompanhei, vocês produziam muito e tiveram uma visibilidade...na diversidade bastante importante.

Mônica Francisco

Lembra que eu comecei dizendo que eu sou uma pessoa que está sempre tentando?

Mônica Francisco

Então você vai trabalhar, porque é isso. Porque você vai produzir, você vai trabalhar, você vai fazendo.

Mônica Francisco

Onde tem muita gente que não vai, é mais fácil, é mais leve para algumas pessoas, tudo bem, não tem juízo de valor nisso, mas a gente não se dá conta que a gente vai trabalhando, porque a gente tem que trabalhar, tem que mostrar serviço, porque o tempo todo você tem que mostrar serviço, tem mesmo.

Mônica Francisco

E aí dizer o tempo todo, “então vamos fazer os melhores pareceres”, sabe?

Mônica Francisco

Por que fazer o melhor parecer?

Mônica Francisco

Para disputar com o outro?

Mônica Francisco

“Não, porque a gente tem que fazer o melhor”.

Mônica Francisco

Aí fui parar na Comissão de Constituição e Justiça por uma coisa que ninguém queria, então eu fui parar lá.

Mônica Francisco

E ali eu consegui ganhar o respeito dentro da Comissão de Constituição e Justiça.

Mônica Francisco

E sempre é assim.

Mônica Francisco

“Vamos fazer os melhores pareceres. Vambora!”

Mônica Francisco

“O que é isso?” “Não sei. Vamos estudar, pergunta!”

Mônica Francisco

É bom que uma equipe jovem, gente estudando, fazendo mestrado, doutorado, um monte de gente sabida, me orienta, me fala, me ajuda!

Mônica Francisco

Não sei como é que eu falo isso, como é que eu vou fazer aquilo.

Mônica Francisco

E os melhores parecerem e a gente assume a comissão do trabalho, caramba, tendo sido uma comissão do trabalho de partidos com uma experiência na luta trabalhista, na pauta trabalhista muito grande, no PDT e o próprio PT, com figuras muito fortes, como Gilberto Palmares, por exemplo.

Mônica Francisco

Homens!

Mônica Francisco

Então, era uma outra dinâmica.

Mônica Francisco

Eu falei: “Caramba, o que eu vou fazer aqui?”

Mônica Francisco

Bom, vou fazer o quê? Vamos interseccionalizar tudo, já que a moda é essa.

Mônica Francisco

Brincadeira, não é moda, mas é o que eu sei fazer.

Mônica Francisco

Então, eu vou por onde eu sei e eu vou conseguir falar.

Mônica Francisco

É...

Mônica Francisco

Vambora!

Mônica Francisco

E por ali.

Mônica Francisco

E eu acho que foi isso.

Mônica Francisco

Então, chega ao final dessa jornada, né?

Mônica Francisco

Com duas pesquisas que eu nem sabia que estavam acontecendo, né?

Mônica Francisco

Uma do Mulheres Negras Decidem e outra da Dida Figueiredo, pesquisadora da UERJ.

Mônica Francisco

E a Dida, que hoje compõe o mandato da Taliria, inclusive advogada, ela vai dar conta de que o nosso mandato é um mandato com, foi, com uma das maiores produções legislativas e ações, incidência no orçamento, para a população LGBTQIA+, no Estado, e o Mulheres Negras Decidem, levantam de que nós somos o mandato negro com a maior produção do Brasil.

Mônica Francisco

Entre os mandatos de mulheres negras no Brasil.

Mônica Francisco

É isso?

Mônica Francisco

Caraca!

Itamar Silva

E a tua experiência na Assembleia Legislativa e a avaliação positiva desse teu mandato, em que pese que você não foi reeleita, mas você teve uma avaliação muito positiva, mas esse período, como é que foi a tua relação com essa base?

Itamar Silva

A base que eu chamo é favela, esse campo popular, que de alguma forma também deu visibilidade para você.

Itamar Silva

Mas como é que foi, no tempo que você foi deputada, como é que foi esse diálogo, como é que você sentiu essa receptividade?

Mônica Francisco

Eu estou elaborando ainda muito sobre diversos temas nesse sentido, Itamar.

Mônica Francisco

Primeiro, eu acho que mandatos como os nossos e de outras companheiras cada vez mais vão se tornar ferramentas pedagógicas para o nosso povo entender o que é o parlamento.

Mônica Francisco

Porque a realidade é que as pessoas não entendem.

Mônica Francisco

Primeiro que não sabem o que é o vereador, o que é o deputado.

Mônica Francisco

A gente foi muito letrado na lógica de uma política fisiológica, assistencialista, um modelo de político.

Mônica Francisco

Então as pessoas não entendem mesmo.

Mônica Francisco

Primeiro, eu pude ver isso.

Mônica Francisco

Então eu acho que a gente tá muito no início disso, tá?

Mônica Francisco

A gente ainda vai pensar um pouco e eu pude perceber isso.

Mônica Francisco

Primeiro, é uma euforia, né?

Mônica Francisco

E é importante que a euforia continue, porque a gente tem que ter euforia mesmo, porque isso anima para a gente colocar outras mulheres.

Mônica Francisco

E eu vou fazer esse recorte.

Mônica Francisco

Mulheres negras mesmo!

Mônica Francisco

Porque mesmo os homens negros nesse lugar, eles assumem uma característica muito tradicional.

Mônica Francisco

As mulheres negras, a partir, eu acho, eu estou dizendo, a partir dessa onda de ascenso das mulheres negras, vai imprimindo uma outra forma.

Mônica Francisco

Não é nova política.

Mônica Francisco

Eu sou contra o termo nova política.

Mônica Francisco

Não existe nova política, não.

Mônica Francisco

Existem novas atrizes, mulheres negras, chegando nesse lugar e servindo, nós que estamos chegando agora, como ferramenta pedagógica.

Mônica Francisco

Daqui a alguns anos isso não vai ser mais necessário, vai ser natural.

Mônica Francisco

Mas primeiro, uma euforia, mulheres negras têm que ocupar, tarará, tarará, e a gente tem que repetir mesmo esse mantra, e esse mantra tem que se concretizar e virar realidade.

Mônica Francisco

Mas depois da porta pra dentro, eu ainda não sei nomear, eu tenho olhado muito para o que a Lélia produziu, como mais próximo do que eu vivi.

Mônica Francisco

E sei que muitas outras podem falar, talvez a Áurea que não voltou, porque não quis voltar, porque...uma série de fatores...

Mônica Francisco

...dos racismos e de como nós, como base também, porque quando a gente fala base, a base para a gente, eu estou falando a gente mesmo, você e eu aqui sentados, a base não é o outro, a gente é a base.

Mônica Francisco

Embora estejamos, tenhamos caminhado um pouquinho, a gente leu mais um pouquinho, mas a gente é base, a gente é isso.

Mônica Francisco

Há um incômodo, porque isso é o referencial, olhar para uma pessoa igual a você, que sai de

um lugar para um lugar de comando, vira uma chave incômoda.

Mônica Francisco

E isso não é proposital, isso é da forma como nós, enquanto sociedade brasileira...

Mônica Francisco

A gente, às vezes, no calor das coisas, não é uma questão pessoal...

Mônica Francisco

A gente, torno a dizer, é o que eu consigo elaborar até agora, a gente serve, vai servir ainda por um tempo, com muitas dores, tá?

Mônica Francisco

...com muito sofrimento, de ferramenta pedagógica, até que seja natural que a gente esteja nesse lugar.

Mônica Francisco

Então, é incômodo.

Mônica Francisco

Sai do lugar da euforia, do legal, porque dentro da institucionalidade, você não vai falar como na plenária militante.

Mônica Francisco

Você não vai lidar com os pares.

Mônica Francisco

Você tem responsabilidades.

Mônica Francisco

Não é a militância.

Mônica Francisco

Você não tem a flexibilidade do movimento social.

Mônica Francisco

Você tem as barras institucionais que te obrigam a responder institucionalmente.

Mônica Francisco

Falar na plenária não é falar na rua.

Mônica Francisco

Então, aprendizados também para nós que estamos chegando nesse lugar.

Mônica Francisco

Claro que quem vem de uma construção militante partidária talvez tenha um preparo maior.

Mônica Francisco

A gente que deságua nesse lugar, vindo do movimento social, vindo da favela, porque a gente não perde a essência...

Mônica Francisco

Você começa falando baixo, daqui a pouco você tá: "É gente, é...".

Mônica Francisco

Entendeu?

Mônica Francisco

Então, é isso, tá em você, tá no seu DNA.

Mônica Francisco

Então, tem questões geracionais, como tem em toda sociedade.

Mônica Francisco

Então, eu vejo que a gente é uma ferramenta pedagógica, por quê?

Mônica Francisco

A gente precisa estar, né?

Mônica Francisco

A gente, como eu te falei, a gente é docilizado pelo mundo do trabalho.

Mônica Francisco

Você não falta, você...

Mônica Francisco

E aí eu ouvi de uma companheira nossa, muito experiente, uma referência, falar pra mim o seguinte: "Você foi processual demais. O nosso povo gosta de festa, amor. Você tem que olhar pra isso. Tem que ter o sintoma".

Mônica Francisco

Porque não adianta dizer que você produziu.

Mônica Francisco

Eu nunca sabia disso.

Mônica Francisco

Porque o letramento que a nossa sociedade tem é do cara que está lá no morro, ele não é do morro, estou dizendo do que a gente entende da política tradicional.

Mônica Francisco

Não é você que está todo dia no plenário, que está de manhã, que está cumprindo lá as 25 horas de trabalho e a pessoa não entende isso.

Mônica Francisco

“Não, mas cadê você?”.

Mônica Francisco

Não, mas a gente está lá, mas se a gente não estiver lá, como é que a gente está?

Mônica Francisco

Então, por quê?

Mônica Francisco

Porque você olha para outros quadros que não são do nosso campo, da esquerda, progressistas, que não têm o nosso ponto de partida, a dinâmica é outra, a presença é de outra forma.

Mônica Francisco

Então, são muitas coisas que eu ainda estou elaborando sobre.

Mônica Francisco

Então, essa relação com a base é diferente.

Itamar Silva

Você podia...me deu vontade de falar uma coisa.

Itamar Silva

Isso tem a ver com uma questão, eu vou trazer o tema da branquitude, porque eu acho que nessa percepção você tem o lugar, por exemplo, do político tradicional, ou seja, homem ou mulher, branco, extra favela, eles já têm um lugar pré-definido e hierarquicamente reconhecido por quem está na favela.

Itamar Silva

Quando uma mulher preta chega nesse espaço, você usou uma palavra que eu acho interessante como “instrumento pedagógico”, mas ao mesmo tempo, você disse, falar no plenário legislativo tem um ritual.

Itamar Silva

que não pode ser o mesmo ritual quando você está na base.

Itamar Silva

E que esta base, às vezes, não entende exatamente esse ritual, não entende qual é o efeito.

Itamar Silva

Então, eu acho que isso tem a ver...por isso que trouxe o conceito de branquitude, porque acho que tem a ver com essa construção e com essa necessidade da desconstrução desses lugares e dessas imagens, dessas referências que estão entranhadas.

Itamar Silva

Você concorda?

Mônica Francisco

Concordo plenamente e uso, inclusive, a academia como um exemplo também que a gente pode comparar.

Mônica Francisco

Porque quando você tá na academia, você fala com os pares.

Mônica Francisco

Você tá disputando ali uma ideia com os pares.

Mônica Francisco

E ali você tá disputando uma ideia com aqueles pares porque você precisa passar aquele projeto que é pros seus.

Mônica Francisco

Mas só que naquela disputa que você tá fazendo ali, a dinâmica de disputa dentro daquele espaço, os códigos daquele espaço são outros, assim como os códigos da favela são outros.

Mônica Francisco

Inclusive, para você garantir uma comissão que o teu povo está pedindo, que o cara da direita quer, não é para ele tocar a pauta, é para ele dizer que está fazendo aquilo de uma forma tradicional, mas que na prática ele não vai fazer nada.

Mônica Francisco

Mas ele vai aparecer como alguém que fez.

Itamar Silva

Quando você pensa e você está em atividade, está nessa articulação ainda muito fortemente, mas o que mudou nessa favela de quando você entrou nessa militância e você foi acumulando...

Itamar Silva

E hoje essa conjuntura que a gente está vivendo no Rio de Janeiro principalmente, O que você destaca como mudanças, como questões, para a gente poder continuar pensando o Rio de Janeiro e as suas favelas?

Mônica Francisco

Eu vou falar muito localizado no Borel.

Mônica Francisco

A gente tem uma juventude muito...muito pujante, muito pulsante, muito inteligente, muito organizada para ocupar a universidade.

Mônica Francisco

Mas, por outro lado, você também tem uma juventude que vive uma impossibilidade quase que latente.

Mônica Francisco

Você olha, mas mesmo nessa impossibilidade e buscando caminhos que também sejam tráfico, mas tão precários também, até nisso...

Mônica Francisco

Porque, sei lá, houve um tempo em que parecia que quem se envolvia com tráfico vivia uma vida melhor, comia melhor.

Mônica Francisco

Para além do status, fisicamente, tinha uma roupa melhor, Mas hoje é muito precário.

Mônica Francisco

Eu não sei se você consegue visualizar isso.

Mônica Francisco

Quem vai ouvir a gente que é de favela consegue visualizar isso.

Mônica Francisco

Mas é muito precário.

Mônica Francisco

Às vezes são os meninos que te pedem comida...

Mônica Francisco
É muito precário.

Mônica Francisco
E, por outro lado, eu sinto muita falta hoje, talvez seja a idade.

Mônica Francisco
Posso estar muito errada e quero estar errada.

Mônica Francisco
Muito equivocada.

Mônica Francisco
Mas eu sinto falta de...

Mônica Francisco
Vou usar a liderança, você sabe que a gente...

Mônica Francisco
Eu não gosto, a gente não gosta desse termo, mas dialoga mais com as pessoas.

Mônica Francisco
De lideranças que...

Mônica Francisco
De fato...

Mônica Francisco
Eu acho que, não sei se eu sou ingênua usando esse termo, mas que amem o território, que queiram mudar mesmo.

Mônica Francisco
É claro que as pessoas que estão ali nessa mobilização acabam se destacando e tal.

Mônica Francisco
Acontece um movimento natural.

Mônica Francisco
Tem você aí que veio antes da gente, tantas outras figuras que estão aí.

Mônica Francisco
Que bom!

Mônica Francisco

Tem os mais jovens também que se destacaram muito.

Mônica Francisco

Mas tem uma outra relação com a favela.

Mônica Francisco

Às vezes, parece uma relação utilitária.

Mônica Francisco

E às vezes eu penso, será que a gente não foi utilitarista também?

Mônica Francisco

Mas eu mesma me respondo que não, porque, sabe, assim, é uma coisa afetiva, de fato, com o lugar, vou usar esse termo, o lugar, de querer uma transformação, não só um acesso cimentado, não é isso, mas, sabe, o tal de “viver tranquilamente na favela onde eu nasci”, do legal, do bom.

Mônica Francisco

Porque nem tudo na favela é bom não, não é não.

Mônica Francisco

Faltar água é ruim.

Mônica Francisco

Ter que carregar água é muito ruim.

Mônica Francisco

Não devia ser assim.

Mônica Francisco

A gente ficar sem luz dias, tá errado.

Mônica Francisco

Mas eu sinto a falta dessas lideranças, né?

Mônica Francisco

vou falar liderança como nós, senão a gente fica muito presunçoso, mas que tem talvez até antes de nós, sabe, talvez mais românticas e apaixonadas, mas é claro romance e paixão não bota dinheiro no bolso de ninguém, as pessoas precisam comer.

Mônica Francisco

E que bom também que a gente tenha hoje um avanço de projetos no interior da favela, que

as pessoas também possam exercer a sua militância e trabalharem nisso e ganharem o seu pão e também desenvolverem a sua vocação militante, naquilo que acreditam no seu território, de pessoas que empregam o seu avanço pessoal no crescimento do seu lugar e de outros.

Mônica Francisco

Uma coisa também não tão bairrista, eu me vejo, por exemplo, uma pessoa, eu sou do Borel, mas eu fui construindo a minha militância não só no Borel.

Mônica Francisco

Eu amo Manguinhos, sou apaixonada pelo Alemão.

Mônica Francisco

Eu curto pra caramba Santa Marta, embora não tenha estado tanto.

Mônica Francisco

Nossa, sabe assim?

Mônica Francisco

Cantagalo e Pavão-pavãozinho...

Mônica Francisco

Eu sinto falta disso e acho que, claro, o capitalismo, o desespero, vou usar a palavra desespero pela sobrevivência, pela manutenção da vida.

Mônica Francisco

Acho que isso mudou.

Mônica Francisco

Tem alguma coisa que mudou.

Mônica Francisco

Eu acho que se juntar um monte de favelado, de ontem e de hoje, a gente vai conseguir uma resposta mais elaborada, mais assertiva.

Mônica Francisco

Mas também tem muita beleza, tem muita força, muito desejo de que a favela seja olhada de outra forma.

Mônica Francisco

Mas eu sinto falta de uma forma de atuação na favela que talvez tenha só mudado, não tenha acabado...

Mônica Francisco

...tenha ficado diferente, mas acho também que os processos violentos contra a favela, a violência contra esse lugar, contra as pessoas que vivem na favela, a própria ocupação, se a gente for olhar para o Borel, vou voltar para o Borel e para algumas outras favelas que a gente conhece, a ocupação por outros grupos, por exemplo, de nordestinos na favela, que são pessoas que estão muito ligadas ao trabalho, não estão tão ligadas na organização comunitária.

Mônica Francisco

Isso não é um juízo de valor, mas é só uma constatação.

Mônica Francisco

É uma galera que está ali, trabalha, volta, mas também não está tão ligada à organização comunitária, à luta coletiva.

Mônica Francisco

Vive a sua vida.

Mônica Francisco

Isso também acho que muda um pouco a dinâmica, o medo de se envolver.

Mônica Francisco

Se eu for me envolver, o custo disso, a mudança dos domínios dos territórios com grupos ainda mais violentos.

Mônica Francisco

Se a gente falava lá atrás que tinha uma juventude suicida, que já não respeitava tanto quem era mais da antiga, quem era morador, que estava numa outra vibe porque era uma outra geração, hoje isso aumentou exponencialmente.

Mônica Francisco

Então, a favela continua sendo um universo extremamente complexo hoje.

Mônica Francisco

Muito complexo.

Itamar Silva

Bom, esse tema, acho que você faz uma proposta aí que é interessante, porque juntar vários favelados e a gente conversar um pouco, porque a gente vai fundo nessa conversa, mas acho que você traz um elemento que também para mim é provocativo, que é essa relação com o território.

Itamar Silva

Você falou um pouco de sentimentos, um pouco de gostar ou não gostar, mas ter uma relação afetiva com esse lugar, com esse território, com essa favela onde você nasceu.

Itamar Silva

Por outro lado, a gente vive um momento em que o funk é repetido por tantas bocas, né?

Itamar Silva

“Eu só quero é ser feliz...”

Itamar Silva

Isso, para mim, é uma contradição que bate com...

Itamar Silva

E eu fico, às vezes, em vários lugares e isso rompe assim.

Itamar Silva

“Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci...”

Itamar Silva

Mas aí você está dizendo que isso não é tão verdade agora, ou ao menos esse sentimento não aparece de uma forma objetiva no exercício desses jovens frente nesses lugares.

Itamar Silva

Então, acho que isso é uma coisa bacana para a gente explorar um pouco mais, que tem a ver com a complexidade do que é a favela, complexidade ou visões do que mudou, do que não mudou, por que mudou, por que não mudou.

Itamar Silva

Acho que vamos propor isso para o projeto Memórias, Memória Viva, essa conversa.

Itamar Silva

Eu queria encerrar, que você falasse um pouco dessa sua experiência a partir deste projeto Memória Viva, que você teve junto, está junto, mas qual a importância disso nesta conjuntura que a gente está vivendo?

Mônica Francisco

Essa coisa da memória é uma coisa que vem caminhando com a gente há um bom tempo, olhando para os museus de favela, para os museus de favela a céu aberto, como é no Cantagalo, Pavão Pavãozinho e tantos outros espaços.

Mônica Francisco

Esse conceito de memória é muito a partir da favela.

Mônica Francisco

A gente trabalhando, por exemplo, no Morar Carioca, com a metodologia do Ibase de Memória, enfim.

Mônica Francisco

de olhar para os lugares, para as pessoas, para a ação no cotidiano.

Mônica Francisco

Então, trazer isso como uma ação e eixo importante e estratégico do Dicionário de Favelas Marielle Franco, que começa como Dicionário Carioca de Favelas, que tem a ver com a discussão no Santa Marta da cidade como favela, a partir da ocupação desses lugares pelas Unidades de Polícia Pacificadora, o quanto a memória desses espaços é fundamental, o quanto essa presença e essa dinâmica de expansão do Dicionário de Favelas Marielle, do crescimento desse projeto, que hoje vai cada vez mais se refinando na atuação e garantindo que memória é importante, memória viva.

Mônica Francisco

É olhar para esses agentes, esses atores, atrizes, como se chamem, construíram um caminho, pavimentaram um caminho para diminuir, talvez, ser um elemento muito singelo de tentativa de diminuir as tensões geracionais.

Mônica Francisco

Quem está agora não faz melhor do que quem estava antes.

Mônica Francisco

Muito pelo contrário, a gente vai se complementando na luta.

Mônica Francisco

Então, eu acho que o Memória Viva tem uma vida longuíssima, ele vai, talvez daqui a cinco anos, pensando nos cinco anos do Dicionário, ele vai ser talvez um grande projeto autônomo, espero que seja um projeto, um programa dentro da Fiocruz, porque ele atravessa uma série de questões da favela que precisam estar documentadas.

Mônica Francisco

E quando eu chego, foi um desafio muito grande, porque eu pensei o seguinte, essas pessoas, porque a gente começa entrevistando conselhos, essas pessoas são pessoas que deram entrevista para muita gente.

Mônica Francisco

Deram entrevista pra gente muito qualificada, tem registros muito qualificados.

Mônica Francisco

Você tinha acabado de participar de uma, foi o primeiro entrevistado, de uma série de

entrevistas e uma entrevista acho que pro RJ, alguma coisa assim.

Mônica Francisco

estava muito recente, então como é que a gente ia dar uma outra embocadura que dialogasse com que uma equipe cada vez maior do Dicionário, com uma série de trabalhos, com uma série de tarefas, como é que eu ia construir uma forma de entrevistar, que dialogasse com o que já estava acontecendo, porque eu chego com uma outra...

Mônica Francisco

eu levei um susto quando eu vi o Dicionário, com um Conselho estabelecido, como é que a gente entrevista você, Cleonice, essas pessoas, seu Beserra?

Mônica Francisco

Como é que eu dou um jeito de criar uma forma que seja a cara do Dicionário com gente que tem um monte de coisa documentada, que eu já falo praticamente a mesma coisa, que vai mais uma vez dar entrevista?

Mônica Francisco

Como que eu faço isso?

Mônica Francisco

Confesso que eu fiquei pensando nervosa, desesperada, de verdade, de verdade.

Mônica Francisco

E fazer isso no território e como é que a gente faz?

Mônica Francisco

Então, eu acho que essa metodologia, ela vai se refinar.

Mônica Francisco

Acho que Memória Viva, assim como o Dicionário, tem uma capacidade de se tornar algo muito maior.

Mônica Francisco

Eu acho que vai se tornar.

Mônica Francisco

Tenho certeza disso.

Mônica Francisco

Que bom que a gente está documentando, porque depois a gente pode voltar e vai.

Mônica Francisco

E, ao mesmo tempo, diz para a academia, porque esse também é um projeto que está dentro de um universo acadêmico, de que a memória dos espaços favelados pode auxiliar um diálogo com a realidade do mundo.

Mônica Francisco

Pensar esse período da história em que a gente está vivendo a iminência de uma terceira guerra, não sei se da mesma forma das que vivemos antes, em que a gente tem um conflito religioso que acaba resvalando nos conflitos religiosos que a gente tem no Brasil hoje que atravessam a política partidária institucional e atravessam as três esferas de poder.

Mônica Francisco

Então, o Memória Viva cumpre um papel que talvez a gente agora não tenha tanta nitidez do que ele é.

Mônica Francisco

Ele é uma ferramenta importante, não só de registro, de produção de ciência, de diálogo epistemológico, mas ele é um instrumento que vai se tornar algo lá na frente muito maior do que ele é hoje.

Mônica Francisco

E eu sou muito grata, primeiro, por ser entrevistada por você, que é uma das nossas referências, você sabe disso, e de muita gente.

Mônica Francisco

Você sabe que é.

Mônica Francisco

Foi o primeiro entrevistado, foi um desafio pra mim.

Mônica Francisco

Falei, caramba, vou entrevistar...

Mônica Francisco

Eu confesso, foi difícil, Itamar..

Mônica Francisco

Falei, cara, como é que eu vou...

Mônica Francisco

Tava muito nervosa, mas foi lindo pra caramba, foi bonito.

Mônica Francisco

e estar aqui sendo entrevistada por você, eu confesso que eu vim para cá...

Itamar Silva
Faço minhas, as suas palavras...

Mônica Francisco
Eu vim para cá nervosa, estou avisando.

Itamar Silva
Não, Mônica, obrigadão.

Itamar Silva
Eu fiquei orgulhoso de te entrevistar, apesar das dificuldades, mas é porque a gente se conhece há muito tempo, mas é impressionante como é que a gente não conhece a pessoa na integridade.

Itamar Silva
E mesmo depois dessa entrevista, ainda muito mais coisas que eu gostaria de ouvir você falando.

Itamar Silva
Porque é sempre quando a gente fala sobre a nossa trajetória, ao menos acontece comigo.

Itamar Silva
Eu revisito a minha própria história e penso sobre a minha trajetória.

Itamar Silva
Acho que é um momento também de diálogo comigo mesmo.

Itamar Silva
Quando você é entrevistado por alguém que você confia, que você gosta, acho que esse diálogo acontece.

Itamar Silva
Por isso acho que esse...

Itamar Silva
Memória Viva é importante que tenha esse formato, tenha essa possibilidade, porque permite também que as pessoas e os entrevistados possam olhar.

Itamar Silva
Fazer um olhar pra sua trajetória.

Itamar Silva

A gente faz isso muito pouco, né?

Itamar Silva

Na verdade, a vida é muito imperativa.

Itamar Silva

Ela vai te levando, vai te obrigando.

Itamar Silva

Você tem que fazer e fazer e fazer.

Itamar Silva

Quando você pode parar pra conversar, eu acho que é super bacana.

Itamar Silva

Então, obrigado pelo convite que fizeram.

Itamar Silva

Obrigado por você ter aceito que eu te entrevistar.